

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

AVENÇA
COMISSÃO DE CENSURA
VISADO PELA

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andar - Tel. 4313.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Memória

Devo esta página de «Memórias» à memória de meu padrinho, o padre António Ferreira de Abreu, que Santa Glória haja.

A Penha, no seu tempo, como que alvorecia, quando menos pelo espírito dos entusiasmos que lhe andavam ligados e no estado de subconsciente de quantos visionavam, pela bondade do seu coração, uma Penha grande, uma Penha distinta, uma Penha incomparável, para além e para longe, beneficente a todos os que de futuro existissem em Guimarães.

Os «padres», da Penha, foram então o que devem ser homens em matéria de acção carinhosa a todas as iniciativas úteis, quando a dignidade dos compromissos criados, o benefício confluyente sobre o todo colectivo, e, de comum, aquela porção de sentido idealista que higiênicamente beneficia o péso da Vida, se reúnem e são, a despeito da predisposição dos homens para a negatividade e o pessimismo — se não para a inveja e a calúnia — como que a flâmula doirada, alta e distinta, que acusa presenças e aponta um horizonte superior aos destinos da mesma Vida.

Os «padres» foram o que podiam e deviam ser!

Nenhum dêles — o Caldas, o Abreu, o Sargenta, o Domingos Dias e outros — pretendeu arrancar à Penha, sob a subtilidade das suas ambições e das suas vaidades, lucros, segretos e públicos, do seu interesse pessoal, e muito menos a aura cantada que os dispusesse ao prestígio fácil das consagrações facilísimas. Minhotos da gema, vimaraneses dos quatro costados, gente de boa índole, boa alma e de entusiasmos que o ceticismo do nosso tempo considerará infantis, todos êles se dispunham, como bons rurais, a, por suas próprias mãos, cortar o mato, limpar a terra, plantar a árvore, descobrir a água, criar as fontes, ajardinar as grutas e a arrotear os caminhos — de modo que faziam repicar os sinos ou acendiam, pela véspera da Senhora do Carmo, os fogachos bárbaros sobre as penedias da Montanha; não eram vozes de bronze ou bandeiras de lume que se salientavam longe e em frente do burgo velho de Guimarães, mas almas em pleno esplendor de generosidade, de alegria, de emocionante ternura, como do dia feliz de uma grande vitória.

E porque tudo o que fizeram no descobrimento da estação prodigiosa era carinhoso, simples e independente, as pègadas dos «padres» e dos seus primitivos colaboradores ainda hoje se conhecem, profundas e seguras, através do plano bendito. São dêles as grutas, os lugares do culto, o eremitério humilde, certa fonte, aquele belvedere ingênuo, umas escadinhas atoucadas de heras, o largo das procissões, esta passagem sob os monolíticos monstruosos, aquela ruazinha serpeando sob freixos, os «passos», o caminho para a cidade, uma multidão de árvores que os cegos de espírito agora penteiam à garçonne — enfim, toda a poesia da serra, espontaneamente rústica e frugalmente cómoda, ou seja naquele estado de isenção cabotina que faria hoje, a permanecer em tal estado, as delícias dos homens que compreendem superiormente a natureza de utilidade e de encanto que têm estes lugares.

Tenho diante de mim uma fotografia em que se representam os primitivos amigos da Penha — melhor, os seus descobridores. Poucos conheci, mas não obstante êles terem pertencido a uma geração bastante anterior à minha, confesso que não posso olhar para esta grande página fotográfica sem emoção e sem o mais profundo respeito. Porque estes, pela independência dos seus pensamentos e o espírito de sacrificio dos seus actos, eram filhos legítimos e característicos de Guimarães. Êles aqui estão. Talvez que, pela comunidade de idéias e de ideais, nos estejamos agora a sentir amigos, irmãos talvez. Estas máscaras leais, o minhotismo dêstes grandes chapéus de palha, a firmeza de resoluções que se lêem nestes olhos, segura até à firmeza dos grandes lóddãos montanheiros, tudo isto inspira amor da terra e diz que eram assim, há sessenta anos, os homens que tiveram um grande sonho baírrista... lá em cima, no alto, em frente da nossa terra.

Sonho que a desfortuna orçamental, epidemia do nosso tempo, cruelmente dissolveu, sem que mais se descobrisse a sua imagem virgem de vaidades e encantadoramente azulada!...

Alfredo Guimarães.

Para Guimarães luzir

Nossos avós, talvez porque vissem vida menos inquieta, tiveram por muitos anos o bom gosto de adornarem com flores as suas janelas. Talvez porque vissem vida menos inquieta... Esse gosto desapareceu quando certas pessoas, ajuizando-se de altas categorias e costumes mais austeros, entenderam que pôr flores à janela... era vulgaridade plebeia, contudente ou antípoda da sua condição aristocrática. E vá de chance, porque muitos entre nós, se não têm braço, suspeitam que poderiam ter tido. O certo é que, representando o es-

prito de uma terra, nos seus sentimentos de alegria e felicidade, as varandas de Guimarães, de uma maneira instintiva e de todo o ponto reveladora do bom gosto, vão-se enchendo de flores, coisa que depõe bem a favor da índole da nossa gente. E por que não? Abençoados sejam aqueles que, possuindo paz de consciência e de espírito, o transmitem a todos os que chegam ou estão, através da alegria das suas flores. São boas almas e bons vsmaraneses. Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

VALE A PENA VIVER?...

Sobranceira à estrada, solidamente encaçada no flanco do monte, aquela pedra parecia desafiara o espaço e a eternidade...

Nada existe, porém, de firme sobre o mundo, e certa ocasião em que o temporal a castigou mais violento, a terra, a pesar-de forte, abriu, esboroou, e deixou rolar a pedra para o leito do caminho.

Calhou de passar por ali o pensador.

O pensador era um homem céptico, um sábio enfronhado nas ciências positivistas e nas filosofias áridas, censor desvaído do poema magnífico da Natureza, descrente de Deus, azimado com a Humanidade e consigo mesmo, desencantado da vida e atemorizado da morte.

O dia sumia-se, a sombra alastrava, e sucedeu o inevitável: o sábio tropeçou na pedra, perdeu o equilíbrio, e foi beijar o chão...

Novo, robusto e ágil, levantou-se ligeiro, cuspidando improperios: — Maldição! Vale lá a pena viver num inferno assim, em que as próprias pedras nos armam ciladas!...

E dardejando à inconsciente causadora do desastre um olhar odiento, afastou-se claudicando e praguejando sempre...

Passou depois um ancião.

O ancião vinha triste e cismador.

Lutara, trabalhara, criara seis filhos, abençoara os netos e, cerrados os olhos da companheira, dava por finda a sua missão.

— Acabou-se. Sou um inútil. Falta-me a saúde, o gosto, a coragem! Nem vale a pena viver...

... Catrapus!!!...

Tropeçou na pedra, perdeu o equilíbrio, e foi beijar o chão...

Velho, cansado e trópego, levantou-se custosamente e dispunha-se a continuar, quando o deteve uma idéia:

— Esta pedra, neste sítio, pode fazer mal o muita gente.

Esquecendo, então, as suas dores, reinindo as reduzidas forças, arrastou a pedra e conseguiu depô-la na berma, desimpedindo o trânsito.

— Obrigado, meu Deus!, disse o homem simples, juntando as mãos laceradas e fitando o céu em que tremeluziam as primeiras estrelas: Obrigado, meu Deus, pelo vosso aviso! Ainda sirvo para alguma coisa! Vale a pena viver para amar e sofrer, para chorar e sorrir, e, às vezes, até vale a pena viver... para remover as pedras do caminho por onde os outros hão-de passar!...

Ludovina Frias de Matos.

A Reza do Moinho

*A água da levada vem ligeira
E não me faz girar... Sou entravado...
Rola branca de espuma a cachoeira,
Depois faz-se lençol esverdeado.*

*Eu ouço-te cantar, água palreira,
Escuto da tua alma o triste fado
Corrido até ao mar em choradeira
E no seio do mar mais soluçado...*

*As minhas mós não giram, água amiga...
O último taleigo a rapariga
De olhos da côr da noite já levou...*

*¿Que é do milho loirinho que eu moia,
O milho que era o pão de cada dia
Do pobre que na terra o semeou!?*

Julho de 1943.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

No meu cantinho

Que veloz que foge o Tempo!

Vai logo a fazer trinta anos que Guimarães perdeu uma das suas glórias mais lídimas: João de Meira.

Nesse mesmo Setembro perdia a Póvoa de Lanhoso o seu Médico insigne: Lino Vieira. Trouxera, o Dr. Lino, de Mesão-Frio uma bela garrafeira de Pôrto genuíno e velhinho e selecto.

Uma ou outra vez oferecia o seu cálice aos Amigos, que mais apreciavam e estimavam o clínico de excelente humor. Mas gostava que lhe saboreassem o vinho, a pouco e pouco, aos golinhos, bem mastigadinho. Do contrário, arrumava a garrafa.

Mas a que vem agora aqui o Médico saudável?

Eu to digo, minha Lena. Há semanas que iniciei a leitura dos *Discursos*, de Júlio Dantas, em bela edição da Bertrand.

São uns trinta cálices de fino licor literário.

Não me quis embriagar. Fui lendo a pouco e pouco. Fui sorvendo aos golinhos extasiante.

Deleitei olhos e mente. (Achas graça a esta mente? Tem som diverso de mente).

E poupei o coração. Não cansei o pobrezinho.

E quando cheguei ao fim, murmurei baixinho: —

Mais uma vez me foge o feriado!...

Mal acabava os *Discursos* tonificantes e eis que do fundo da estante n.º 2 ouço Augusto de Castro a clamar em doce confiança: — *E a Viagem no meu jardim* não tem licores?

Pronto o atendi e rabisquei a tinta na primeira fôlha: — Após a bela chuva em trovoadas, 4-VII-43.

As seis páginas de prefácio intitulam-se *O teu jardim*. Simplesmente uma beleza, uma jóia fina.

Mas os trinta e um cálices da formosa e prometedora garrafa foram sorvidos em dois

GAZETILHA

Vinte e seis contos rendeu aquilo que o povo deu ao S. Torcato, neste ano. — Pela gente que lá vi, quando tal notícia li, julguei tratar-se de engano...

Eu confesso, com franqueza: Foi a festa uma pbreza, confrontada co' o passado. — Quem o S. Torcato viu, sua grandeza mediu, agora fica espantado.

Pouca gente, pouca festa, pois não passou de modesta a famoso Romaria. Afóra os actos de culto, nada mais houve de vulto, quer de noite ou quer de dia.

Como distracções só vi — e mais por lá não dormi, trazia os olhos abertos — música e uns foguetinhos, a «Roda dos Cavaleiros» e a barraca dos «Robertos».

Tendo o Santo rendimentos que piedosos sentimentos lhe estão sempre a oferecer, não há justificações para as grandes restrições que se estão sempre a fazer...

Que a culpa não é de cá, toda a gente o sabe já, mas temos de o lamentar... — O morrer do S. Torcato só se deve ao caricato de Braga aqui vir mandar...

BELGATOUR.

Declaração

Francisco da Silva Guimarães e sua esposa Maria da Luz declaram, para os devidos efeitos, que não se responsabilizam por qualquer dívida contraída em seus nomes, tanto por pessoas de família como por estranhas.

Guimarães, 7/7/943.

dias e o lápis confessou ao fim: —

Devorei bem depressa o meu Augusto! 6-VII-43.

O Augusto e mais o Júlio não são meus.

São desta Pátria linda que os mereço.

Que o Senhor os conserve largos anos!

E lhes dê tintas cada vez mais belas!

EM DEFESA das CRIANÇAS

Não é novidade nenhuma afirmar-se que não temos ainda uma Associação Auxiliar da Criança, cujo objectivo seria evitar a pequenada pobre que frequenta a Escola os perigos da rua. Todos sabem que êsses perigos existem. Os rapazitos, uma vez terminados os seus trabalhos escolares, saltam para a rua a proferir as maiores obscenidades, entretendo-se ao mesmo tempo em longas e violentas correrias que só servem para atrofiar os seus débeis organismos.

Evidentemente que as crianças precisam de alegria e de folguedos. Mas lá está a Escola, com a sua organização complementar, para cumprir essa missão.

A Associação Auxiliar da Criança, que funcionava na capital espanhola — não sabemos se ainda funciona — e a que presidia o culto espírito de Angel Ossorio y Gallardo, prestou notáveis serviços ao desenvolvimento da mentalidade infantil; por isso achamos interessante mostrar aos leitores o que é essa grandiosa obra, criada e mantida sem auxilio oficial.

A Associação Auxiliar da Criança tomou um desenvolvimento extraordinário pouco tempo após a sua inauguração, em Fevereiro de 1935. Este facto prova exuberantemente que as crianças se adaptam com facilidade a uma vida regada, sem os vícios da rua, que lhes forneça distracções honestas que muito ajudarão a moldar os seus caracteres.

A Associação Auxiliar da Criança, com as suas bibliotecas, círculos e parques infantis, tem o mérito de não coagir as crianças a frequentá-la. Não é uma escola, o que seria contraproducente; a matrícula é livre, o que equivale a dizer que a criança ingressa na Associação por sua livre vontade.

Não existe quem mande; existem pessoas conhecedoras da psicologia infantil que aconselham as crianças a proceder da melhor maneira, conforme os fins da Associação.

Em Madrid esta obra começou pela criação de uma biblioteca infantil. Um mês depois inaugurou-se um clube infantil onde, além da biblioteca e recreio no jardim e no salão, se criou uma oficina para as crianças fabricarem e consertarem os seus próprios brinquedos sob as vistas de pessoas competentes, medida esta de um alcance admirável.

Como se conseguiu manter uma obra destas? Sômente à custa da iniciativa particular, exercida por meio de numerosas subscrições. Não faltaram, também, ofertas de livros, jogos e estantes.

A biblioteca está aberta durante seis horas por dia. Nos meses de Agosto e Setembro a frequência dos pequeninos leitores é menor por causa das colónias infantis.

Um dos aspectos mais atraentes desta obra é o parecer que os seus directores solicitam dos pequenos leitores acerca da maneira como a biblioteca funciona.

Os leitores respondem por



escrito, apresentando sugestões e apontando defeitos que são sempre tomados na devida consideração. De vez em quando solicita-se, por escrito, da criança, a sua opinião sobre o livro que anda a ler. Como é fácil de calcular, surgem respostas curiosíssimas que, se por um lado atestam a infantilidade dos leitores, por outro lado criam neles a satisfação de se sentirem consultados acerca das suas leituras.

Sob o ponto de vista pedagógico são inúmeras as vantagens que a criança usufrui por este processo de dignificação da sua inteligência.

O clube infantil compreende a biblioteca e a sala de jogos, havendo ainda uma sala para música. Os pequenitos são sócios do clube, possuindo o respectivo cartão de identidade. Outro aspecto admirável da Associação Auxiliar da Criança é a oficina, onde cada criança pode construir o que lhe aprouver. Advertências e conselhos colocados pelas paredes indicam às crianças as instruções que têm de seguir. Eis algumas: «Todas as coisas que aqui há são dos sócios do clube, portanto qualquer dolo pode servir-se de quanto há e exigir que se respeite». «Aqui não ha professor, mas pode perguntar-se o que se não sabe». «Não há que destruir nada, a não ser o que se necessita para construir coisa que valha mais do que o que se destrói». «Se se procura deixar os utensílios em melhor estado do que se encontraram, o trabalho será mais fácil».

Conselhos admiráveis, sem dúvida, que criam na criança a responsabilidade da obra que produz.

O regulamento da Oficina estipula que esta se encontra aberta das 17 as 20 horas. Um dos rapazes é semanalmente designado pelos outros para encarregado da oficina.

E' o encarregado quem fornece aos companheiros o material que necessitam para os seus trabalhos, possuindo as chaves do respectivo armazém.

Não há dúvida de que uma obra destas, para ser eficaz, exige uma despesa considerável.

Quando a nós, a Associação Auxiliar da Criança só poderia satisfazer completamente os fins para que foi constituída, quando o Estado a auxiliar como merece. Então, em cada bairro pobre da cidade haverá um clube e uma biblioteca infantis que libertarão as crianças da vida da rua para as distrair e educar.

Quando vemos, por essas ruas, magotes de crianças entredidas nas mais violentas distrações, pensamos na salutar acção social que poderia realizar, entre nós, uma Associação Auxiliar da Criança.

Alexandre Jorge Gonçalves.

Empregado de Escritório

Oferece-se, para prestar serviços em qualquer escritório, sabendo escrever à máquina. Informa a Casa das Gravatas.

FOLHETIM DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS» N.º 21

J. Weyman

Aventuras do Cavaleiro de Bérault

CAPÍTULO V

A vingança

Só, e cheio duma raiva tremenda! Se aquela acção, se tudo o que ela acabava de me dizer o proferisse na hora do meu triunfo, eu teria sido capaz de o suportar. Ela poderia então fazer-me corar de vergonha, que eu perdoar-lhe-ia. Mas estar ali, àquela hora crepuscular, entre aquelas árvores tornadas negras, surpreendido e injuriado por uma mulher! Ela tinha posto em joga a sua inteligência

SÓBRE MÁRIO CORREIA

A minha saúde por Mário Correia, nascida duma solidariedade fraterna de pensamento e de princípio, levou-me a escrever algumas palavras de sentido afecto por aquele pobre amigo que a morte arrebatou ao convívio da família e dos seus amigos.

Exagerei, melhor, esta dor sentida pelo Amigo desaparecido, foi quem saiu dos seus limites; e, assim, Alguém me escreve sobre Mário Correia, para rectificar algumas passagens que não podem passar sem o seu reparo.

Não tive o intuito de magoar a honestidade da Família e muito menos o seu amor, o seu carinho e a sua amizade pelo infeliz Mário Correia, que, algumas vezes, em desabafo, se me queixava da Vida amarga, do destino cruel dos homens e das coisas, dos seus sofrimentos, da falta de vista, etc., etc. A carta que recebo diz-me — com profundo e grato reconhecimento meu e íntima satisfação minha, — que «Mário Correia, modesto em demasia como era, idealista e bom, não enriqueceu, mas também não foi tão pobre... nem nunca os seus o viram queixar-se...»

«Viveu sempre, é certo, na mediania, mas decentemente sem ter sentido, algum dia a falta de pão no lar modesto que criou e manteve até à sua morte».

Não imagina o meu amável Alguém a consolação que me dá com as suas informações, mas creia que Mário Correia, modesto e idealista, levava longe a sua bondade, a ponto de se não queixar... Os homens fortes foram sempre estóicos no sofrimento pela Vida e não querem affigir os seus semelhantes, preferindo calar no seu íntimo toda a Dor que os domina... O facto de ter pão e criar um lar não quer dizer que Mário Correia não soffresse...

E' ou não a Vida um fardo pesado e triste que qualquer mortal carrega para manter honesto o seu lar sem passar necessidades...? E, a seguir, afirma-me, ainda, que «Mário Correia teve só uma (?) infelicidade na vida e dessa teve razão para se queixar: — foi a falta de saúde, de que derivou, consequentemente, o facto de não ter podido subir até onde a sua inteligência, o seu carácter e os seus predicados de honestidade e rectidão o podiam ter guindado».

Outra ingratidão dos homens para com a Virtude e o Saber de Mário Correia!

Sei agora que este infeliz e querido Amigo tem a sua morada em jazigo de Família, no Prado do Repouso.

Hel-de, um dia, fazer-lhe uma visita de saúde recolhida e rezar-lhe no silêncio religioso do seu túmulo...

Domingos Ribeiro.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

MANUEL RUIVO

Um ano é decorrido — fê-lo, ontem, precisamente — sobre a morte desse esperançoso moço, cheio de talento, para quem a Arte musical não tinha segredos e que se chamou Manuel Ruivo.

E' com a maior saúde que evocamos hoje a sua memória, sentindo que tão novo — 21 anos apenas! — nos tenha deixado para sempre.

Manuel Ruivo — os vimaranenses conheciam-no bem! — era um violonista distinto que se revelou logo na sua entrada para o Conservatório onde realizou um curso brilhante.

Não quis o Destino que se prolongasse a sua carreira. Morreu na manhã do dia 10 de Julho, deixando mergulhados na mais crua dor os desolados pais e os amigos, que eram em grande número.

Não pôde levar a cabo a sua obra, que deveria ser de molde a notabilizar o seu nome. Todavia, desaparecendo bem depressa, soube vincar perfeitamente a sua personalidade de Artista de raros méritos.

Recordamos, hoje, Manuel Ruivo com a mais enternecida saudade e sobre a sua campa desfolhamos as flores humildes duma amizade sincera.

lado do matagal; e o ignominioso castigo que o acaso me inflingia, o freio que aqueia espécie de prisão na floresta punha na minha raiva, quasi me fazia doído. Cai, e levantei-me blasfemando. Fera as mãos nos espinhos e sujava as minhas vestes, que já tanto tinham sofrido noutra ocasião. Por fim, e já quando me resignava a passar a noite ao relento, apercebi as luzes do povoado, e, todo trémulo de pressa e de cólera, estuguei o passo. Alguns minutos depois estava na pequena rua.

As luzes da bairuca brilhavam a uns cincoenta metros apenas. Mas antes de poder mostrar-me, mesmo num tal lugar, cumpria limpar a minha roupa, e foi o que fiz o melhor possível, ao mesmo tempo que me esforçava por tomar um ar de homem despreocupado. Depois avancei até à porta e bati. Imediatamente a voz do locandeiro gritou lá de dentro:

— Entrai, senhor!

O homem estava só, agachado à lareira, a aquecer as mãos. Uma panela negra estava ao borralho. No momento em que entrei, destapou-a e ex-

Espanto e surpresa

Quando temos conhecimento de que se fala de Guimarães em qualquer jornal, logo nos apressamos a saber do que se trata. Assim acaba de acontecer com o «Diário do Minho», de 30 do mês findo, para o qual pessoa amiga nos chamou a atenção em virtude de publicar um artigo «Por Guimarães» com considerações sobre «O alargamento da Cidade».

Nesse artigo, fala-se da história da freguesia de Creixomil e diz-se o seguinte: «E' bem que se repare que o nome de Creixomil fora escrito de várias formas pelos antigos. Só no «Portugalia Monumenta Histórica» encontram-se, pelo menos, onze variantes. No ano de 926, Ramiro II doava a Hermenegildo e sua mulher Mumadona. Já nessa ocasião tinha quasi os limites que agora possui: secus fontano Selis... diuidit ipsa uila cum siluare Candanos (Candoso) e Colgeze (Urgezes). Já foi habitada pelos romanos. Atesta-o, além de outros indícios, que poderíamos citar, uma bem gravada inscrição tumular latina que os reconstructores de há cem anos tiveram o bom senso de embutir na parede exterior, lado sul, da igreja paroquial». Como se vê, não só se maneja a história, mas também se recorre ao latim e ainda se revelam alguns conhecimentos de geografia, visto o autor do artigo citar algumas cidades e vilas do País, como Braga, Lisboa e Vila-do-Conde, a que pertencem, respectivamente, o Bairro do Espadano, o Bairro da Calçada e o Bairro Pis-

catório. A avaliar por todos esses conhecimentos e sobretudo pela tendência para o latim, continuamos a ler o artigo com a convicção de que estávamos a saborear o saber do senhor Reitor de Creixomil, tanto mais que no artigo em questão abundam idénticas considerações já feitas pelo citado sacerdote e publicadas nos jornais locais. Porém, desta vez, não foram as qualidades de inteligência do senhor Reitor de Creixomil que nós apreciámos, mas sim as do Sr. José Ribeiro de Freitas Moura, presidente da Junta daquela freguesia, o qual, com espanto e surpresa nossa, deu aos leitores do seu artigo uma lição — embora ligeira — sobre a história do seu torrão natal. Felicitamo-lo por isso e ao senhor Reitor pedimos desculpa da confusão que reinou no nosso espirito. E de resto, o Sr. presidente da Junta, até hoje ignorado jornalista, deve continuar a falar-nos da história da sua freguesia, facto com que só nós podemos regozijar.

Para isso, leia também o 2.º volume da obra do P.º António José Ferreira Caldas intitulada «GUIMARÃIS», assim como as «Memórias» do P.º Torcato de Azevedo, e verá, então, que já em séculos passados se dizia a respeito de Creixomil:

«S. Miguel de Creixomil, Dai-nos favas e perichili. Castanhinhas temol'as nós. Senhor Deus ouvi-nos a nós»

CONCURSO DA CRIANÇA SÃ

No último domingo realizou-se, no Pevidem, na sede do núcleo legionário, uma encantadora festa que não só pelo seu elevado significado de bem fazer mas também pela sua singeleza, mereceu o apoio de todos quantos nela colaboraram ou para ela concorreram por qualquer título.

Feita, previamente, pelos Srs. Drs. Melo e Soares Leite a devida inspecção médica a 67 crianças, filhas de casais pobres da freguesia de S. Jorge de Selho, para classificar as 3 primeiras em robustez, foram, em seguida, distribuídos os prémios áquelas, os quais eram constituídos por enxovais completos.

Cada uma das restantes crianças recebeu também uma camisa e um vestido. Assim foram todos contemplados. A mesa que presidiu à distribuição dos prémios era presidida pelo nosso prezado amigo e digno comandante do Batalhão 13 da L. P., Sr. José Mendes Ribeiro Júnior, que tinha a secretaria-lo os distintos clínicos atrás referidos.

Aberta a sessão pelo presidente, foi dada a palavra ao comandante de lança, Sr. Alberto Correia, promotor daquela simpática festa, o qual proferiu carinhosas palavras, que profundamente calaram no coração dos assistentes. Dirigindo-se aos pais das crianças, acentuou-lhes bem os seus deveres de chefes de família, demonstrando-lhes que da sua boa conduta dependerá o futuro de seus filhos.

Seguiu-se no uso da palavra o Sr. Dr. Melo que indicou aos assistentes utilíssimas noções gerais de higiene e de profilaxia para os recém-nascidos.

Falou depois o Sr. Dr. João Mauril de Faria. O orador começou por dizer que tinha a alma engalanada por se encontrar entre os humildes, os necessitados, e que sente um estranho alvoroço, um bem estar inexplicável, por estar presente a um tão nobre acto de bem fazer. Em ligeiras considerações apreciou a acção do comandante Sr. Alberto Correia como promotor daquela festa, que não só abrangiu filhos de alistados mas também de necessitados alheios áquela instituição.

Por último, o Sr. Presidente, em breves mas eloquentes palavras, exprimiu a sua satisfação por ter assistido a uma manifestação de acção social que ultrapassa as barreiras da Legião Portuguesa, estendendo-se indistintamente a quem carece de auxílio, e calorosamente aprovou a acção do comandante Correia.

Finda a sessão, que foi rematada com veementes aplausos, seguiu-se um delicioso lunch em casa da Família Correia.

Romaria de S. TORCATO

O rendimento das esmolas foi de Esc. 25.701\$35

A Romaria de S. Torcato, embora bastante prejudicada pelas dificuldades de transportes, foi muito concorrida, tendo vindo inúmeros forasteiros de diversos pontos do país, em combóios especiais, camionetes, automóveis e outros meios de condução.

As solenidades religiosas decorreram com muita imponência, tendo revestido também muito brilho os festejos públicos, especialmente o arraial de domingo, que esteve muito animado.

Abrilhantaram-na algumas bandas de música das melhores da região, que tocaram em seus corétons. As iluminações produziram bom efeito e o fogo de artifício, que por volta da meia noite começou a ser lançado, agradou.

No local da romaria pouco

dentes e com a mão aferrada ao cabo da sua faca:

— Não, segunda vez, não, meu senhor! — exclamou no seu dialecto. — Não estou ainda de todo bom da cabeça, e se levantas a mão para mim abro-vos como quem abre um porco!

— Podes estar sossegado que não te faço mal... Onde está tua mulher?...

— A tratar dos seus afazeres...

— Que deveriam ser os de servir-me a ceia, — retorqui-lhe.

Vagarosamente, o locandeiro foi buscar uma escudela e encheu-a de caldo. Depois, tirou dum armário um pedaço de pão negro e um copo que encheu de vinho, e pôs tudo na mesa.

— Aqui está, — disse lacónicamente. — Magra ceia! — exclamei eu.

Estas palavras encheram-me de furor. Com as mãos apoiadas na mesa, aproximei bruscamente a sua face ríngosa, de olhos injectados, da minha. O seu bigode irriçava-se e a sua barba tremia:

— Ouça, amigo, — disse-me êle em voz rouca e com uma ameaçadora

se fêz sentir o violento temporal que na tarde de domingo assolou a região, assim como ao que parece, outras partes do país. Por isso mesmo a romaria não foi prejudicada pelo mau tempo.

Não se registaram, felizmente, quaisquer desastres ou de sordens. Apenas coisas insignificantes e alguns pequenos roubos.

O serviço de policiamento, a cargo da Guarda Nacional Republicana, satisfez.

O rendimento das esmolas oferecidas a S. Torcato, nos dois dias da sua Grande Romaria, foi de 25.701\$35, mais 1.548\$80 que no ano anterior, devendo salientar-se que já então o rendimento havia ultrapassado também em 3.322\$40 do ano antecedente.

Cuidado com a água...

Temos água, temos mais água do que nunca, mas o ano corrente será necessário por isso, pensar que não pode haver água para todos os capichos...

Queremos dizer, entenda-se bem que não pode haver água, nos fontanários, para desperdiçar, entretanto que se ouve a melodia do namoro...

E' com vossas senhorias, senhoras criadas de servir, que se está a fazer.

Já não era pouco deitar, pela combinação feita, o resto do cântaro pelo barreiro abaixo, a fim de não faltar a entrevista combinada. Já isso não era pouco, sendo certo que a cidade não tem obrigação nenhuma de aturar serventes e sapateiros.

Mas deixar esbordar fontanários deixar que se perca um manantim precioso, isso é que não, porque: água, nestes tempos que vão correndo é, para a saúde e as necessidades de todos nós, nada menos do que ouro líquido...

Acabe, pois, a sapateirada...

Cumpra cada um o seu dever

Não temos a mais pequena dúvida de que a vereação municipal dá instruções rigorosas ao chefe dos serviços de limpeza da cidade. Isso está no espirito de todas as pessoas com catção directiva, com costumes de asieio e com dedicação pelo bom nome de Guimarães.

Não temos, sobre o assunto, a mais pequena dúvida.

Mas a limpeza da cidade, no entanto, deixa muito a desejar.

Incompetência do chefe dos serviços? Falta de disciplina do pessoal? Ou uma coisa ou outra.

Chamamos a atenção do illustre Presidente da Câmara e dos senhores Vereadores, para a falta de limpeza das seguintes avenidas, largos e ruas:

— Avenida Abade de Tágilde, rua de D. João I, rua de Bento Cardoso, rua de Camões, travessa de Camões, rua da Caldeira, passeios da avenida do Comércio, rua de Santa Luzia, rua de Santa Maria, largo de Santa Clara, rua de Serpa Pinto, rua do Condé D. Henrique, etc, etc, etc.

E quem manda entende-nos perfeitamente bem.

Leilão de Mobílias

Realiza-se, no dia 18, (domingo), às 10,30 horas, na Avenida de Miguel Bombarda, 48, constando de mobílias de quarto, sala de jantar e diversos móveis, assim como uma carteira, de ferro, para transportar de pipas, etc.

O leilão está a cargo da Agência de Santo Ildefonso n.º 73, telefone 6290.

Agente, Domingos Marques da Silva, Pôrto.

energia, — dê-se por satisfeito, que eu tenho as minhas suspeições...

A não serem as ordens que recebi de senhora, havia de cravar-lhe a minha faca no corpo, lealmente ou não, esta noite mesmo. Havia de dormir a vontade lá fora em vez de dormir dentro, e não me parece que alguém levasse isso a mal... Mas como as coisas são como são, dê-se por contente. Muito cuidado com a lingua, quando amanhã tiver de voltar as costas a Cocheforêt não olhe para trás...

Estas palavras desconcertaram-me um pouco. Não obstante, aparente a maior tranqüillidade e galhofei:

— Ora! ora! Os homens amargados vivem muito tempo, grande patife!

— Em Paris, talvez; aqui, não! — retorqui-me êle num tom significativo.

Depois endireitou o torso, sacudiu a cabeça e tornou para junto da lareira. Por mim, encolhi os ombros e comecei a comer, affectando ter-me esquecido da sua presença.

Continua.

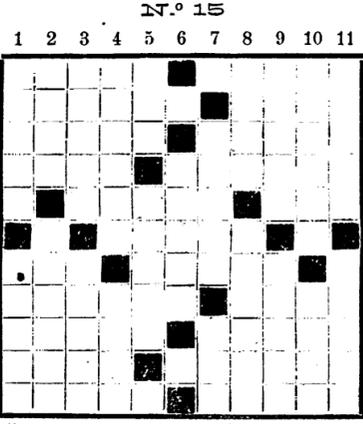
NOTÍCIAS DO EDIPISTA SECCÃO CHARADÍSTICA dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno, (compl.), Povo, Roquete (ling. e sin.) sin. de Bandeira.

CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

ENUNCIADO:

Horizontais: 1 — Gravem; não dizer. 2 — Pesar; trabalho. 3 — Vociferar; silêncio. 4 — Graça; simulara. 5 — Espécie de esteva; escarnecer. 6 — Azeitona. 7 — Tília; enche demasiado. 8 — Recupera; condutor de palanquin na índia. 9 — Guarneçida de asas; romana. 10 — Tremi com frio; olhar avidamente. 11 — Plausa vivaz e medicinal; fruto dalgumas espécies de silvas.



Verticais: 1 — Armar com bicos; usa. 2 — Teido forte, de linho; sustentido. 3 — Parra; franca. 4 — Apanho; juntar. 5 — Título dos bispos maronitas; maça. 6 — Planta medicinal brasileira. 7 — Género de plantas emolientes; desejo de vingança. 8 — Desmo-

Decifradores dos n.ºs 7, 8, 9, 10 e 11: Agnus Matutus, A. L. C., Alfacinha, Alguém, Almapa, Alvar, Alvarinto, Avlis II, Berlier, Biscaro, Caralinda, Conde, Copofónico, Criança Alegre, Crino (ex-Aesnof), D. Sabichão, Diadema, Doralvas, Dr. Grigório, Dr. Mamarri, Dropé, Erbeio, Feraca, Ferjufer, Fermo, Fidélio, Frei António, Ignotus Sum, Javipera, João Augusto, João Semana, Jodipepa, Júia de Farad, Jomo de Gu, Joraca, José do Canto, Lage, Lança Chamas, Larnco, Laurus, Lhalha, Limpa chaminés, Lucimar, M. A. P. M., Maraca, Maria Manuela, Marupi, Mimi Zé, Morenita,

Mulato, P. de Inkin, Pacatão, Patêgo d'Azoia, Pépita, Pimpim, Paole, Quico, Rei Texai, Rei Viola, Rotie, Sabrigaita, Sadino, Satanás, Siná Durol, Somel, Ti Manel, Tinobe e Um dos Undekas. Dos n.ºs 7, 8, 9 e 10: Avlis, Domínio Vermelho, Rei Carto, Rei do Orco, Rei Troca e Romeu. Dos n.ºs 9, 10 e 11: Ariedam, A. Siálagam, Conde Gabéria, Dr. Moteira, Dr. Paciência, Fraal, Hecatombe, Joséfe, Julver e Príncipe do Ave. Dos n.ºs 7, 8 e 9: Faísca, Katia Mal-Kah e Quim Matoli.

II TAÇA BENEFICÊNCIA

Table with 3 columns: Name, Amount, Total. Lists names like Armar, P. de Inkin, Joraca, etc., and their respective contributions to the 'Taça Beneficência' fund.

V Almoço de Confraternização

No dia 22 de Agosto próximo, "O Edipista", completa 5 anos de labor constante. Como nos anos anteriores, essa data será festejada com um almoço de confraternização, que será o 5.º.

Novos Agrupamentos

Na vizinha freguesia de Lordeio, fundou-se um Grupo de Cruzadistas, o qual se denomina "Grupo Cruzadístico Lordeiense", e é constituído por: Rndiabrado, Fulano de Tal, Mateiro e Parada.

Um aniversário

O "Retiro dos Pacatos", sem dúvida a mais concorrida secção de pasatempos que se publica entre nós, e que sob a superior orientação de Poeta das Dúzias se vem publicando no trisemanário "Os Sports", acaba de completar 7 anos de existência laboriosa e

Do Concelho

De Vizela

Não se apagará, certamente, da memória dos vizelenses, a perda que a nossa terra sofreu com a morte do Sr. Alfredo Brito.

de Brito, já falecido, e da virtuosa senhora D. Emilia Alves Ferreira de Brito e irmão das senhoras D. Maria das Dores A. Ferreira de Brito, D. Maria Augusta A. Ferreira de Brito Guimarães e dos Srs. Dr. Augusto César de Brito, médico em Mondim de Basto, João Alves Ferreira de Brito, negociante no Pôrto, e casuado das senhoras D. Maria Cristina Machado de Brito, D. Maria Raquel de Azevedo de Brito e do Sr. Heitor Gomes Fernandes Guimarães, industrial.

do comando, armada em câmara ardente, sendo o cadáver do saudoso extinto velado pela senhora D. Maria da Felicidade dos Santos Simões, como preito de saúde pelo querido Amigo da Família Simões.

Formam depois todos os Comandantes do B. V. de Guimarães, Faf., Feigueiras, Lixa, Mondim de Basto, Taipas, Paços de Ferreira e Freamunde.

Além da Direcção dos Bombeiros, tomam também parte no funeral todos os sócios da Fábrica da Lameira-Brito & Gomes, Lmt., empregados superiores desta firma, Constantino Silva pelo "Comércio do Pôrto", e o nosso correspondente em Vizela.

Formam depois todos os Comandantes do B. V. de Guimarães, Faf., Feigueiras, Lixa, Mondim de Basto, Taipas, Paços de Ferreira e Freamunde.

O Pronto-Socorro n.º 2 transporta lindas coroas e imensos ramos de flores com as seguintes dedicatórias: Direcção, Comando e Corpo Activo com saúde, ao seu Comandante; Última saúde de Justino Gomes e Manuel Faria; Ao sempre chorado amigo, dos empregados e operários de Brito & Gomes, Lmt.; Sentida homenagem do pessoal de Ferreira de Brito & Santos, Lmt.; Dos teus Irmãos Raquel e João; Dos Caldas, com grande saúde; Dos teus Irmãos Cristina e Augusto; Última homenagem, eterna saúde de tua Mãe e de tua Irmã Maria das Dores; De Laura Granhão de Gouveia e Carlos Gouveia; De Margarida e Helena; De Adélia Alves Machado Ferreira; Com sincera saúde de Ilda Mendes Martins da Silva Gomes e Justino da Silva Gomes; Dos teus Irmãos Músta e Heitor. A seguir, as Delegações das Corporações dos Bombeiros e um enorme acompanhamento de pessoas de Vizela, Guimarães, Mondim de Basto, etc.

Fezava o cortejo fúnebre todo o pessoal de Brito & Gomes.

Durante o desfile do funeral a caminho do cemitério, a população chorava a morte de um dos mais queridos vizelenses.

Ficou depositado junto do pai, no jazigo do Sr. Dr. Alfredo Pinto, amigo da Família Brito.

Notas — Fizeram-se representar: Sr. Presidente da Câmara pelo vereador Sr. Sá e Melo; Bombeiros Voluntários de Vila do Coude e Póvoa de Varzim pelo Comandante dos B. V. de Guimarães, Sr. José de Pina; Voluntários de Paredes pelo Sr. Alberto Pinto; Voluntários de Viana-do-Castelo pelo Sr. Adelino Machado Leite, que também representava a Comissão de Iniciativa e Turismo de Vizela; Srs. José Cerqueira Gomes pelo nosso correspondente em Vizela; Joaquim da Silva Torres pelo seu irmão Sr. Aníbal Augusto da Silva Torres; Srs. Capitão António Torres e Eduardo Lemos Mota, pelo Sr. Francisco Alves.

Todas as Corporações de Voluntários do Norte e algumas do Centro e Sul enviaram telegramas ao Comando e Corpo Activo dos B. V. de Vizela.

Dirigiu o funeral o 1.º Comandante dos B. V. de Felgueiras.

A toda a ilustre Família Brito, os nossos sentimentos de pesar.—C.

Do Pevidém Seguiu, há dias, para a Póvoa de Varzim o Sr. José de Castro, filho do nosso amigo Sr. Adriano de Castro.

Para a mesma estância balnearia também seguiu, na semana passada, acompanhado de sua esposa e tia, o Sr. António da Costa Pacheco.

Já se encontra entre nós a passar as férias, o Sr. Alberto José Gonçalves da Cunha, sócio da firma industrial "João Ribeiro da Cunha, Filhos & C., Lda.", estudante no colégio D. Nuno Alvares, das Caldas da Saúde.

O Sr. José Rodrigues Guimarães, industrial do Pevidém está merecendo muitos louvores por ter mandado distribuir pão aos seus operários a preços acessíveis, prometendo enviar os esforços para lhes poder garantir uma distribuição todas as semanas. Oxalá que possa sempre conseguir milho para que este seu gesto benemérito seja coroado de bom êxito.

Dr. João de Macedo

ADVOCADO Largo Conselheiro João Franco, 30 Guimarães

QUINTAS

Vendemos nos concelhos de Guimarães, Braga, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Felgueiras, Cabeceiras de Basto, com esplêndidas casas de senhorio e com a renda em cereais de 21, 6, 4, 5, 3, 10, 2, 9, 7, 8, 15 e 20 carros, e bem assim casas no centro desta cidade. 350

A Hipotecária

— R. da República, 70.

VENDIM-SE

Duas moradas de casas na Rua Dr. José Sampaio que rendem anualmente 2.640\$000. Prestam-se esclarecimentos na redacção deste jornal. 413

Advertisement for José de Mello & Cia, featuring a logo with a ship and the text 'DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM, RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67 PORTO, CASA FUNDADA EM 1828, TELEFONES { Escritório, 73 e Estado, 57, Agentes de Navegação, de Fabricantes e Negociantes estrangeiros e nacionais'.

COMARCA DE GUIMARÃIS Secretaria Judicial

Éditos de trinta dias

(1.ª publicação)

Pela primeira secção desta secretaria judicial e nos autos crimes de indicição de falência, que o Ministério Público move contra José Fernandes, solteiro, maior, do lugar do Tropeçido, freguesia de Fermentões, desta comarca, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando aquele José Fernandes, para no prazo de quinze dias, findo o dos éditos, apresentar-se em juízo e deduzir a sua contestação aos artigos de classificação de falência contra êle deduzidos pelo Ministério Público e apresentar o rol das suas testemunhas de defesa, nos termos do disposto no art.º 1312 do código do Processo civil.

Guimarães, 10 de Maio-1943. O Chefe interino da 1.ª Secção, José Alberto Martins.

Verifiquei. 411 O Juiz de Direito, Rodolfo Artur de Abreu.

Ministério da Economia

COMISSÃO DE VITICULTURA DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES

Movimento do Laboratório MÊS DE JUNHO

Durante o mês de Junho analisaram-se no Laboratório desta Comissão de Viticultura 632 amostras, cuja origem foi a seguinte:

Assistência Técnica: Vinhos verdes tintos, 3; idem, brancos, 3 = 6.

Fiscalização: Vinhos verdes tintos, 113; idem, brancos, 28 = 141. Total vinhos verdes, 147.

Vinhos maduros tintos, 387; idem brancos, 98 = 485. Total vinhos maduros, 485.

Total geral, 632. Número de determinações, 3.815.

Dos vinhos analisados foram encontrados acetificados 9 vinhos verdes tintos, 1 vinho verde branco, 9 vinhos maduros tintos e 4 vinhos maduros brancos.

Encontra-se o produtor ante a promessa duma magnífica colheita. Com tempo, sossegadamente, que cada um faça o seu exame de consciência e indague se tem empregado os mais convenientes processos de vinificação. Grandes aperfeiçoamentos de fabrico conseguem-se sem despesa apreciável, nada havendo pois que justifique a continuação da rotina.

Porque não pôr de parte o receio ou uma muito mal cabida vaidade própria em não consultar os serviços de Assistência Técnica desta Comissão de Viticultura.

Aproximam-se as vindimas e pelos prognósticos que já se ouvem todos

Advertisement for BBC (British Broadcasting Corporation) with a globe logo and text: 'a voz de Londres fala e o mundo acredita APRENDEI INGLÊS COM A B. B. C. ESCUTAI ESTAS EMISSÕES Todos os dias, desde 4 de Julho, cinco minutos de inglês, às 7,10, em 1,500 m. e 49 m. e às 8,10, em 41,96 m. e 31,75 m.' Includes a table of frequencies and power outputs.

Advertisement for 'O Melhor Café é o d'A Brasileira' featuring a star logo with a portrait and text: 'EXIJAM SEMPRE O NOME DO VENDEDOR OFICIAL EM GUIMARÃIS: Pedro da Silva Freitas'.

Advertisement for Casimiro Soares, Solicitador, with text: 'Largo Conselheiro João Franco, 12 Guimarães' and 'se preparam para as fazer numa época excepcionalmente precoce. Nada de precipitações nem de pressas. Sendo natural que este ano a maturação seja antecipada pelas condições do tempo, que o lavrador se não deixe entusiasmar e colha só quando deve.'